

**INICIAÇÃO PROFISSIONAL DE DOCENTES DA EDUCAÇÃO
INFANTIL: docência, aprendizagens e dificuldades**

**PROFESSIONAL INITIATION OF TEACHING OF EARLY CHILDHOOD
EDUCATION: teaching, learning and difficulties**

**INICIACIÓN PROFESIONAL DEL PROFESOR DE EDUCACIÓN
INFANTIL: enseñanza, aprendizaje y dificultades**

Thays Marinho Oliveira

Mestranda em Educação e Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB/Campus de Itapetinga-BA. Integrante do grupo Centro de Pesquisa e Estudos Pedagógicos.

thays012011@hotmail.com / <http://lattes.cnpq.br/3312384907169347>

Lúcia Gracia Ferreira

Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. Pós-doutora pela Universidade Federal da Bahia – UFBA e Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB e da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB/Itapetinga. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação (UFBA) e Programa de Pós-Graduação em Educação Científica, Inclusão e Diversidade (UFRB) e do Grupo de Pesquisa e Estudos Pedagógicos (UESB) e Docência, Currículo e Formação (UFRB).
lucia.trindade@uesb.edu.br / <http://orcid.org/0000-0003-3655-9124>

Recebido para avaliação em 17/08/2019; Aprovado para publicação em 02/12/2020.

RESUMO

O objetivo deste estudo incidiu em identificar e analisar as dificuldades encontradas e as aprendizagens adquiridas/construídas no início da carreira de docentes da educação infantil. A pesquisa com enfoque qualitativo foi realizada no município de Itapetinga-BA, com cinco docentes iniciantes da Educação Infantil. Os resultados mostraram que o docente em início de carreira encontra inúmeras dificuldades para exercer a sua função, no entanto também alcançam inúmeras aprendizagens para a construção da sua identidade pessoal e profissional; que há diferença entre ser professor iniciante da escola pública e privada; ser professor contratado e efetivo; ser professor da educação infantil e de outros níveis ou modalidades de ensino.

Palavras-chave: Início da Carreira Profissional Docente; Docência na Educação Infantil; Professor Iniciante.

ABSTRACT

This study focused on identifying and analyzing the difficulties and learning acquired/constructed in the early childhood education teacher career. The qualitative research was conducted in the city of Itapetinga -BA, with five beginner teachers of early childhood education. The results showed that the teacher in the beginning of the teaching career is many difficulties to carry out their work, but also reach several learning for the construction of their personal and professional identity; there is a difference between being a beginner teacher of public and private school; teacher be hired and effective; being a professor of early childhood education and other levels or types of education.

Keywords: Beginning of the Teaching Professional Career; Teaching in Early Childhood Education; Beginning Teacher.

RESUMEN

El objetivo de este estudio fue identificar y analizar las dificultades encontradas y los aprendizajes adquiridos/construidos al inicio de la carrera de los docentes de educación infantil. La investigación con enfoque cualitativo se llevó a cabo en el municipio de Itapetinga-BA, con cinco docentes principiantes de Educación Infantil. Los resultados mostraron que el docente al inicio de su carrera docente encuentra numerosas dificultades para ejercer su función, sin embargo también logra numerosos aprendizajes para la construcción de su identidad personal y profesional; que hay una diferencia entre ser un maestro principiante en las escuelas públicas y privadas; ser un maestro contratado y eficaz; ser docente de educación infantil y otros niveles o modalidades de educación.

Palabras clave: Inicio de la Carrera Profesional Docente; Docencia en Educación Infantil; Profesor Principiante.

INTRODUÇÃO

O início da carreira docente é um período de muitas dificuldades, angústias, medos e anseios. Esta é uma fase tão importante quanto difícil na construção da carreira educacional, é um momento dotado de características próprias, no qual se definem as principais marcas da identidade e do estilo que irão caracterizar o profissional. É um período de transição marcado por sentimentos, expectativas, descobertas, aprendizagens e sobrevivências, em que as reações provocadas nos docentes serão decisivas para a sua permanência ou não na carreira. Diante dessas demandas, o presente estudo tem como embasamento os estudos de autores como Huberman (2007), Tardif (2002) e Ferreira (2014).

O estudo procurou ressaltar a importância da formação docente e a sua prática, bem como as dificuldades e aprendizagens encontradas pelos mesmos e o desenvolvimento profissional. Assim, buscou responder ao seguinte questionamento: quais as dificuldades e aprendizagens encontradas por docentes da Educação Infantil em início de carreira? O objetivo geral consistiu em identificar e analisar as dificuldades encontradas e as aprendizagens adquiridas/construídas no início da carreira de docentes da educação infantil.

Foi realizada, no ano de 2014, uma pesquisa com enfoque, de cunho exploratório, no município de Itapetinga-Bahia, tendo como colaboradoras desta pesquisa cinco educadoras, sendo três da rede de ensino público e duas de escolas privadas, escolhidas por sua atuação na Educação Infantil com até cinco anos de carreira. Entre as participantes, duas possuíam formação acadêmica em Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste

da Bahia (UESB), duas estavam cursando a formação inicial em Pedagogia pela referida instituição e apenas uma possui formação acadêmica em Letras.

Inicialmente, para a coleta de dados, foi utilizada a aplicação de um questionário, com a finalidade de traçar o perfil dos profissionais iniciantes na docência. Em seguida, realizamos uma entrevista semiestruturada, objetivando coletar dados sobre as dificuldades e aprendizagens encontradas por estes profissionais no início da carreira docente.

DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL E FORMAÇÃO DE DOCENTES

O desenvolvimento profissional acontece durante todo o processo do desenvolvimento pessoal, ou seja, o docente, ao adentrar na profissão, já está se desenvolvendo profissionalmente. Assim, a formação inicial e continuada faz parte do desenvolvimento profissional, e também os acontecimentos, aprendizagens e experiências do período da pré-socialização (experiências de vida, experiências como alunos e com os professores, e da vida pessoal) e os períodos da carreira profissional docente. Para Marcelo Garcia (1999, p. 144):

O desenvolvimento profissional é entendido como o conjunto de processos e estratégias que facilitam a reflexão dos professores sobre a sua própria prática, que contribui para que os professores gerem conhecimento prático, estratégico e sejam capazes de aprender com a sua experiência.

A docência compreende um longo processo de construção. Segundo Huberman (1992), todos os docentes passam por um processo de construção do seu eu profissional, tendo muitas dificuldades e reflexões, mas mesmo com as dificuldades os professores iniciantes entram em sala de aula e realizam seu trabalho, muitos sem a orientação devida e a partir da imitação de antigos mestres. Esse processo de desenvolvimento não é igual para todos, pois há influências pessoais, profissionais e contextuais sobre os professores em início de carreira.

Para Huberman (1992), todos os educadores passam pelas fases e anos caracterizados, quais sejam: entrada (1-3 anos); Estabilização, Consolidação de um repertório pedagógico (4-6 anos); Diversificação, “Activismo” - Questionamento (7-25 anos); Serenidade, distanciamento afectivo – Conservadorismo (25-35 anos); Desinvestimento (35-40 anos). O estudo de Huberman não se aplica ao Brasil, no entanto Ferreira (2014) explica as etapas do desenvolvimento profissional que se adapta ao Brasil, com destaque para o gênero, visto que diferencia a carreira do homem e da mulher. Conforme as Figuras 1 e 2, a seguir:

Figura 1 – Períodos da carreira feminina no Brasil.

Anos de experiência	Períodos
1-5	INICIAÇÃO
5-8	ESTABILIZAÇÃO
8-15	VARIAÇÃO (+ ou -)
15-18	EXAMINAÇÃO
18-20	SERENIDADE
20-25	FINALIZAÇÃO

Fonte: Ferreira (2014, p. 48).

Figura 2 – Períodos da carreira masculina no Brasil.

Anos de experiência	Períodos
1-5	INICIAÇÃO
5-8	ESTABILIZAÇÃO
8-14	VARIAÇÃO (+ ou -)
14-22	EXAMINAÇÃO
22-25	SERENIDADE
25-30	FINALIZAÇÃO

Fonte: Ferreira (2014, p. 48).

Consideramos a criação desse modelo brasileiro feito por Ferreira (2014) um grande progresso e de suma importância para os estudos sobre desenvolvimento profissional, uma vez que o modelo elaborado por Huberman não se adapta ao Brasil, por se tratar de docentes da Europa e a carreira nesse continente durar 40 anos, enquanto no Brasil dura 30 anos para homens e 25 anos para mulheres, na educação básica. Assim sendo, são ciclos vitais diferentes.

Conforme assinalamos, o início da carreira docente é um momento de muitas expectativas e medos, sonhos e desafios, que pode ser dificultado ou facilitado, dependendo dos sentimentos gerados, e ser até mesmo frustrante e conflituoso. Trata-se do conhecido período de transição de estudantes para docentes, quando percebem que precisam construir a postura docente e se adaptar à nova realidade. Este se torna um

período de tensões e aprendizagens intensas, em que os educadores iniciantes precisam adquirir conhecimentos profissionais, além da necessidade de alcançar um equilíbrio pessoal, durante essa transição. Ferreira (2014, p. 43) assegura que:

[...] é possível afirmar que os primeiros anos da carreira docente são realmente muito difíceis, já que os professores ainda estão em processo de conhecimento e adaptação à profissão. Mas nesse período, elementos como saberes e a prática pedagógica situam-se como auxiliares na produção de muitos outros conhecimentos que auxiliam também na formação do professor.

Dessa forma, os docentes iniciantes encontram dificuldades, mas devem construir saberes que os ajudem continuamente no seu processo de aprendizagem e na formação da sua identidade docente. São muitos os dilemas e conflitos vivenciados no início da trajetória docente, os quais se constituem em momentos ímpares, ao iniciar a sua prática educativa e assumir o compromisso junto às instituições educativas. É nesta fase que ele confirma ou não suas expectativas, essa é a fase que leva muitos a desistirem da carreira ou desencantarem pela profissão, tornando-se, assim, educadores sem compromisso com sua prática pedagógica.

O início da carreira é considerado por Huberman (2007) um período de “choque com a realidade”, uma fase de muitos conflitos, em que o docente, apesar de todas as suas expectativas, encontra-se em um momento de sobrevivência e descobertas, em um período de insegurança, sem confiança em si próprio.

O docente iniciante entra na carreira docente cheio de entusiasmo, com expectativas de felicidades, mas se depara com momentos difíceis devido à falta de experiência (despreparo), o comportamento dos alunos, a turmas difíceis, a violência, a baixos salários e a condições precárias de trabalho, sentindo-se, muitas vezes, desanimado diante as situações vivenciadas. Conforme Johnston e Ryan (1983 apud MARCELO GARCIA, 1998, p. 63), “os professores em seu primeiro ano de docência são estrangeiros em um mundo estranho, mundo que ao mesmo tempo conhecem e desconhecem [...]”, com isso, os autores remetem que o início da docência é semelhante à vivência de um indivíduo que está fora e ao mesmo tempo dentro; é um mundo conhecido para ele, pois foi estudante, e desconhecido no papel de docente.

No entanto, mesmo diante de tantas dificuldades e sem a devida orientação, os educadores perdem construindo uma prática pedagógica, em busca de soluções para os problemas encontrados. Dessa forma, vão adquirindo experiência e aprendendo a lidar com as diversas dificuldades encontradas, tomando consciência da sua responsabilidade e do seu papel frente aos desafios da profissão.

Huberman (2007) destaca que a fase da sobrevivência é o momento em que os docentes iniciantes encontram a verdadeira realidade da sala de aula, no entanto, apesar das dificuldades encontradas, há um grande entusiasmo inicial em ensinar, em assumir responsabilidades, o que se traduz como a fase da descoberta. O autor acredita que é indispensável reconhecer que a iniciação na docência é um período de aprendizagens intensas, que pode traumatizar e despertar no docente a necessidade de sobreviver aos desafios da profissão. Assim, os educadores iniciantes, além das dificuldades encontradas, adquirem grande aprendizagem e experiência, e delineiam a sua identidade profissional docente.

Dessa forma, Ferreira e Anunciato (2020), em estudo da arte realizado sobre os docentes em início da carreira, constataram vários impactos sofridos por eles nesse período de iniciação, sendo este muito propício ao aparecimento de dilemas. No âmbito do desenvolvimento profissional docente, considerado de evolução e continuidade, esses impactos podem passar a compor a trajetória docente e provocar crises, oscilações, inseguranças e, conseqüentemente, descontinuidades na carreira, rupturas, ausência de bem-estar etc. (SANTOS; FERREIRA; FERRAZ, 2020; FERREIRA, 2017, 2020; CRUZ; BARRETO; FERREIRA, 2020; BARRETO, 2020; CRUZ, 2020). Assim, a reflexão proposta nesta investigação abarca as dificuldades e aprendizagens de docentes da educação infantil no período de iniciação, que compõem o desenvolvimento profissional.

INÍCIO DA CARREIRA PROFISSIONAL DOCENTE: trajetória de dificuldades e aprendizagens

Apresentamos as análises e discussões dos dados após a aplicação do questionário e entrevista semiestruturada na pesquisa de campo, conforme apresentados adiante.

Perfil das docentes

Nesta pesquisa garantimos o anonimato das colaboradoras. Portanto, para resguardar a identidade das participantes, utilizamos nomes fictícios ao referirmo-nos a elas. As cinco participantes estão vivenciando sua primeira experiência docente na Educação Infantil. A seguir, apresentamos na Tabela 1 uma descrição do perfil das colaboradas.

Tabela 01 – Perfil das colaboradoras da pesquisa.

Colaboradoras	Sexo	Idade	Estado Civil	Nº de Filhos	Formação	Instituição Mantenedora	Tempo de Atuação	Série de atuação	Situação Funcional
Kiu	F	29	Casada	0	Graduanda em Pedagogia	Pública	02 anos	Pré - I	Contratada
Flavinha	F	30	Solteira	0	Graduada em Letras	Pública	05 anos	Pré - I	Concursada
Maria	F	23	Casada	0	Pedagoga	Pública	01 ano	Pré - I	Contratada
Kall	F	32	Casada	1	Graduanda em Pedagogia	Privada	02 anos	Pré - I	Empregada Privada
Loma	F	25	Casada	0	Pedagoga	Privada	03 anos	Pré - I	Concursada

Fonte: As autoras.

O perfil analisado das docentes demonstrou alguns aspectos referentes à formação acadêmica, pois verificamos que uma delas possui a sua graduação em Letras, duas são graduandas em Pedagogia e duas já são Pedagogas. Notamos que uma educadora não possui a devida habilitação para atuar na Educação Infantil, atuando sem a formação específica necessária para atender discentes dos anos iniciais do ensino fundamental e da educação infantil. Mesmo tendo cursado o magistério do ensino médio, é necessário que os docentes estejam em constante formação, para atuar em uma determinada área, a fim de adquirir/construir conhecimentos e saberes, podendo aprender sobre metodologias diversificadas e estratégias que possibilitem contribuições a sua prática docente. Ferreira, Ferreira e Ferreira (2014, p. 84) destacam que:

[...] tornam-se preocupantes, também, quando nos deparamos com professores que são formados, no entanto não atuam em sala de aula em sua área específica. Acreditamos que para um profissional da educação dominar determinada disciplina, é necessário ter um certo domínio/conhecimento sobre a mesma, ou seja, ter uma formação adequada que possibilite uma preparação para realizar um trabalho com melhores estratégias/metodologias de ensino.

Desse modo, é notório que o docente precisa ter sua formação inicial específica na sua área de atuação, para, assim, adquirir conhecimentos pedagógicos e conhecimentos dos conteúdos específicos da área. Quanto a essa questão, Mizukami (2004) aponta que o conhecimento específico da área é necessário, pois se refere a uma compreensão particularizada, possibilitando as condições para que o educador envolva a todos e que a maioria dos alunos aprenda de forma significativa. Diante disso, há uma incoerência na formação da educadora Flavinha com o nível de atuação na docência, pois ela é formada em Letras e está atuando na Educação Infantil.

A faixa etária das profissionais pesquisadas varia entre 23 e 32 anos e quanto ao tempo de exercício profissional evidenciou-se que as colaboradoras têm entre 01 e 05 anos, atuando todas no Pré-escolar I. Todas são do sexo feminino, sendo quatro casadas e

apenas uma solteira. Diante desse dado, é possível notar como a profissão docente ainda está totalmente ligada à mulher, pois desde os primórdios esta vem sendo considerada o sexo frágil, cheia de ternura, dotada biologicamente de capacidade para socializar e trabalhar com as crianças, como parte de suas funções maternas. De acordo Demartini e Antunes (1993, p. 8):

A profissionalização do magistério acompanhou seu movimento interno de feminização. Nesse processo, o magistério primário se consolidou não apenas numericamente como profissão feminina, mas como única profissão respeitável e única forma institucionalizada de emprego para as mulheres de classe média até o final da década de 30.

Assim, a identidade profissional feminina foi construída, em especial na profissão docente, pois, segundo Ferreira (2010, p. 169), “foi nesse processo histórico que a mulher profissionalizou-se e passou a construir uma nova identidade, sendo o seu principal papel profissional o de professora, formada no curso de magistério e exercendo a função de ‘tia’”. Desta forma, a mulher foi se constituindo educadora e carregando no seu gênero as características para lidar com crianças, remetendo a figura da mulher ao magistério.

A respeito da situação funcional, das que atuam em escolas públicas, duas são contratadas, e apenas uma efetiva; já as que atuam na escola privada trabalham a partir do regime celetista da assinatura da carteira profissional. Diante da situação profissional das docentes contratadas é possível entender que elas possuem sensata distância em relação a sua identidade docente, pois, segundo Tardif (2002, p. 90), “é difícil pensar na consolidação de competências pedagógicas enquanto os professores com serviços prestados não tiverem adquirido um mínimo de estabilidade”, ou seja, a contratação desses profissionais, conforme o autor, diminui as possibilidades de estabelecer laços e compromissos com a profissão.

Assim, as docentes contratadas vivenciam constantemente a rotatividade e não estabelecem um vínculo com seus alunos, bem como com a escola, pois não há uma estabilidade profissional, tornando estas mudanças uma dificuldade para a edificação do saber experiencial, em especial no início da carreira profissional. Conforme Tardif (2002, p. 90):

[...] os professores em situação precária levam mais tempo para dominar as condições peculiares ao trabalho em sala de aula, pois mudam frequentemente de turma e defrontam-se com as turmas mais difíceis. Nesse sentido, sua busca de um bem-estar pessoal na realização desse trabalho é muitas vezes contrariada por inúmeras tensões decorrentes de sua situação precária.

Tardif (2002) descreve como situação precária o fato do educador ser contratado e diante dessa precariedade viver um constante recomeço; também vive na instabilidade, com momentos de vai e vem na profissão docente. Logo, as docentes contratadas podem encontrar maiores dificuldades em sua atuação, por não terem duração de vínculos, pois nunca sabem até quando irão permanecer em determinada escola e turma, até quando irão prestar serviços, trabalhando numa relação de ligação sem basicamente possuir e criar vínculos.

Escolarização e docência

Iremos expor, nesta subseção, dados referentes à escolarização e à docência dos colaboradores, segundo relatos adiante:

“[...] eu sempre gostei de estudar, sempre gostei de estar na frente de apresentações, danças, de teatro [...]. Na verdade, na docência eu caí de paraquedas na sala de aula [...] então, eu fiquei assim com muito medo, muito perdida, mas a pessoa que me orientou falou muitas coisas positivas que via ao meu respeito [...]”. (Entrevista Kiu¹).

“[...] acredito que isso deve ser coisa desde a infância, quando eu encontrei com uma amiga de infância e ela ficou sabendo que hoje eu sou professora, ela falou assim: Flavinha, desde pequena você brinca de escolinha, [...] a questão de buscar a docência é desde a infância; professor por mais que a gente fala que é uma profissão mas na realidade é uma vocação, porque se nós não encararmos como vocação a gente não consegue ir muito adiante não”. (Entrevista Flavinha²).

“Não era meu sonho ser professora, era uma área afim, [...]. Foi despertar dentro da oportunidade, lembro-me que eu tinha uma vizinha que saía para dar aula e eu achava bonita aquela atitude de pegar os livros colocar debaixo do braço e eu tinha até um sonho, assim, era uma possibilidade, mais ter como objetivo de vida não era, aí eu me descobri mesmo dentro da sala de aula”. (Entrevista Maria³).

“Eu comecei indiretamente, eu comecei a dar aula de reforço porque uma vizinha minha precisou para a filha dela e comecei, e todo mundo começou falando que eu levava jeito, que levava jeito e acabei que entrei mesmo [...] aí resolvi fazer pedagogia e comecei a ensinar”. (Entrevista Kall⁴).

“Eu já tinha, de certa forma, vocação para trabalhar com a área de educação, em especial com criança [...] eu dirigia o recreio das crianças do maternal, eu já gostava de lidar com crianças [...]. Foi um sonho entrar na área de educação, mas voltado mesmo para trabalhar com criança, [...] o que estava mais próximo da minha realidade mesmo foi o curso de licenciatura. Então desde criança também eu gostava, adorava brincar de escolinha com minhas amigas, então fui só aperfeiçoando”. (Entrevista Loma⁵).

São diversas as razões que despertam as pessoas para atuar na docência. A vocação, o dom, o sonho, os exemplos, a oportunidade, a necessidade, as influências e até mesmo a falta de opção são identificados nas falas das entrevistadas. As suas escolhas têm relação com a infância, com as necessidades, as oportunidades e a falta de opção no mercado de

¹ Entrevista realizada em 20 de fevereiro de 2014.

² Entrevista realizada em 23 de fevereiro de 2014.

³ Entrevista realizada em 27 de fevereiro de 2014.

⁴ Entrevista realizada em 01 de março de 2014.

⁵ Entrevista realizada em 20 de fevereiro de 2014.

trabalho. De acordo com Fontana (2000), o fazer-se docente se configura em diversos momentos da nossa vida, quando relembramos os prazeres que sentíamos, este se constitui pelo dom, a vocação, o aprendizado com o outro, pela história, pela influência familiar ou pela falta de opção.

É possível destacar nas falas de Flavinha e Loma a entrada na docência ligada à vocação e ao dom, frutos de sentimentos oriundos de quando eram crianças e das brincadeiras da infância. Assim, uma destaca o prazer de brincar de escolinha, de ser professora, e a outra enfatiza o dom de lidar com as crianças desde a infância. Na fala de Kiu, percebe-se a sua escolha pela docência por falta de opção, quando ela menciona “eu caí de paraquedas na sala de aula”, destacando o seu medo frente à sala de aula, superando-se e recebendo incentivos. Ainda nas falas de Maria e Kall revela-se a influência do outro frente a suas escolhas, corroborando, assim, com Fontana (2000, p. 115), ao afirmar que “[...] o aprendiz assiste e observa o mestre para fazer ‘como’ ele. A imitação é o ponto de partida e o de chegada. [...] aprendeu pelo fazer ‘com’ o outro”.

Às diversas formas e razões por esta escolha de ser educadora destacada pelas entrevistadas atrelam-se ainda as marcas deixadas por antigos mestres. Assim, as elas narram as lembranças dos professores que marcaram durante o seu processo de escolarização, bem como as influências, segundo as falas abaixo:

“Todos os professores que eu tive contato, graças a Deus, marcaram muito bem a minha vida [...] Tem professores que eu lembro com carinho a forma de trabalhar a metodologia que usava em sala de aula e que eu me espelhava [...] Eu tive professores como é, tia Creu do sossego da mamãe que me marcou muito na minha infância”. (Entrevista Kiu).

“[...] o que marcou sempre foi uma professora que eu tive no pré II que se chama professora Ozana e a gente nunca perdeu contato, [...] E hoje eu sou professora de educação infantil pré II, então eu sempre falo com ela se hoje sou professora de educação infantil pré II ela também tem a contribuição dela, [...] marcou positivamente, [...] uma professora que marcou também bastante a minha história foi Estraidil, o compromisso e a disposição dela com os alunos eram imensos, então essa foi uma professora que despertou também a paixão de ensinar”. (Entrevista Flavinha).

“[...] a minha primeira professora chamava-se Alice e eu tenho vínculo com ela até hoje, [...] teve uma outra professora que nunca mais eu ouvi falar dela, era Iara, [...] e uma que eu gostava muito porque ela me contava muitas histórias interessantes que era tia Teresinha. [...] eu acabava me espelhando nelas, o incentivo que partiu delas é esse, o jeito delas ensinarem, aquela brincadeira que toda criança tem, toda menina geralmente tem de ser professora, imitar professora e isso acabou se alongando”. (Entrevista Kall).

“[...] dei continuidade aqui na quarta série no Esther Ferraz com a professora Edna, foi quando eu me desenvolvi melhor nos conteúdos porque eu era uma aluna muito fraca, [...] fiz muita amizade com ela, e ela era uma professora muito amiga e isso me marcou bastante até porque eu tinha acabado de chegar na cidade e ela me ajudou bastante e até hoje a gente se comunica. E assim uma das histórias marcantes foi festa de aniversário nas escolas que aconteceram, amizades que eu tenho até hoje e que continuo mantendo ainda”. (Entrevista Maria).

“[...] Na verdade, professor assim que eu vim admirar, que eu vim pensar quando eu crescer eu quero ser como tal, eu vi mesmo na graduação. Na graduação eu vi professores comprometidos”. (Entrevista Loma).

Frente aos relatos foi possível notar a grande influência e importância dos professores para as suas escolhas, bem como tê-los como modelo, destacando, desse modo, os exemplos dos antigos mestres que marcaram suas vidas, além dos laços de amizades entrelaçados. As professoras fazem referência aos mestres remetendo, em suas falas, à maneira de se expressar dos seus preceptores, o compromisso, o carinho, a dedicação, bem como o incentivo e empenho em ajudar. Vale enfatizar que os docentes que deixaram marcas foram nomeados e lembrados pelas colaboradoras com um extraordinário carinho e satisfação, mostrando que estes marcaram de forma positiva as suas vidas. Ferreira (2010, p. 108) ressalta que as lembranças deixadas por antigos mestres “[...] ajudaram a pensar num modo ou tê-los como modelo de ser professora. [...]”. E isso é determinante para o desenvolvimento da prática docente e também para uma escolha: ser educadora.

A partir dos relatos acima, foi possível verificar como a constituição do ser professor está atrelada a várias mediações, sejam elas a família, as oportunidades, os desejos, as marcas deixadas por antigos mestres, as experiências e a escassez de opção.

Expectativa no início da docência

São diversas as expectativas no início da carreira docente, são inúmeras as curiosidades, ansiedades e os pensamentos frente às tarefas a serem executadas e as responsabilidades que serão assumidas. Diante das diversas esperanças, há também as frustrações, o choque com a realidade, pois é também a fase de muitos conflitos, momento contraditório com a formação inicial, em que o profissional, apesar de todas as suas esperanças, se vê em um momento de sobrevivência e descobertas.

Nas falas que se seguem, as entrevistadas descrevem um pouco dessas expectativas, assim como as frustrações frente à realidade encontrada:

“[...] assim aquela coisa de fantasia de aluno de início de graduação [...] que eu conseguiria ter uma sala perfeita, uma sala com os alunos bem comportadinhos, [...] E, na verdade, quando você parte para a prática e para uma escola você vê que você não tem, as coisas acontecem, mas acontecem devagar, você vai conquistando o seu espaço, você vai conquistando a autonomia, você vai conquistando respeito, confiança, então você vai começando a se adaptar [...]. Sim no início tive expectativas que seria tudo mil maravilhas, mas aí eu comecei a colocar os pés no chão, e a conhecer a realidade, [...] da escola, da sala, [...]”. (Entrevista Kin).

“[...] quando eu passei a lecionar na educação infantil foi um desafio que eu acabei me apaixonando e gostando. [...] foi um desafio nesse sentido de eu buscar saber o que é a educação infantil, [...]. [...] a minha expectativa era mesmo de mudança e de renovação. Expectativa de mudança pessoal e profissional”. (Entrevista Flavinha).

“Quando eu tive a primeira oportunidade de estar na frente da sala de aula como regente foi na educação infantil, não foi uma experiência muito boa nem para mim nem para as crianças porque já cheguei no final da quarta unidade, [...] mas tive outra oportunidade de iniciar na educação infantil, foi quando eu me descobri, eu

gosto da educação infantil. Expectativa de desempenhar um trabalho bom, de saber que em minhas mãos estavam ali crianças que eu poderia estar depositando assim como se fosse falando de como ser um melhor cidadão, [...]”. (Entrevista Maria).

“[...] a primeira coisa que eu queria era transformar tudo, modificar radical e, entrar mesmo com aquela motivação de transformar aqueles alunos, torná-los cidadãos melhores, mais conscientes, [...]. Nossa, na realidade não foi nem uma escolha minha, eu escolhi a educação infantil, eu não escolhi a educação infantil, é porque lá remanejou todo mundo na escola e me fizeram essa proposta assim: que tal você ir para o maternal? [...] Porque realmente, eu sempre tive muito afeto com as crianças do maternal, é a primeira sala do colégio quando você chega na escola, então eu brincava com eles, beijava, abraçava, eles sempre gostaram muito de mim, e aí resolveram investir nessa nova caminhada. A expectativa tipo assim é de ajudar a criança nessa caminhada, da socialização, das descobertas, [...] que não seja uma coisa mecânica para eles, mas que seja uma coisa que realmente traga significado para a vida deles”. (Entrevista Kall).

“Realização profissional [...] A expectativa quando eu fui para a educação infantil era de realizar um trabalho que me tornasse uma boa profissional na área de educação especial ou educação infantil, sobretudo educação infantil”. (Entrevista Loma).

Observamos nas falas das professoras a grande ansiedade, o entusiasmo, o desejo de mudança, a busca de transformação utópica e imediata, assim também como os ideais confrontados com as realidades encontradas em sala de aula. Segundo Huberman (2007), a experiência do começo da carreira docente pode ser vivenciada de diferentes maneiras pelos docentes, sendo de modo fácil ou difícil. Ao relatar a sua dificuldade frente à educação infantil, Flavinha refere-se a um desafio, levando-nos a inferir que a sua formação inicial não lhe deu suporte. Este desafio, segundo Huberman (2007, p. 39), é característica do “choque do real”, a confrontação inicial com a complexidade da situação profissional.

Dificuldades encontradas

O início da docência é, normalmente, carregado de inseguranças, podendo o docente, neste período, encontrar dificuldades específicas em um entorno laboral relativamente desconhecido. É fato que os profissionais docentes em início de carreira encontram dificuldades em sua atuação, pois estes estão no período de transição de estudantes para profissionais da educação, período de muitos anseios, desafios e dificuldades. Ao questionar as educadoras sobre as dificuldades encontradas, elas relataram quais foram as suas dificuldades, conforme descritas nas falas a seguir:

*“[...] eu recebi no ano passado uma menina especial que é anã, [...] então ali **eu me vi numa dificuldade muito grande, quer dizer é uma criança especial**⁶ e você receber uma criança especial e ainda na educação infantil, para mim trouxe inúmeras dificuldades [...]. Eu tive dificuldades com o acompanhamento dos pais, [...] **Eu tive alunos bastante agressivos** e tudo, que segundo as poucas vezes que os pais iam na escola falavam que era decorrente a própria casa deles mesmos, então esse acompanhamento eu senti falta muitas vezes”. (Entrevista Kiu).*

⁶ Todos os grifos nas narrativas são grifos nossos.

“[...] **lidar com a família** que quando você é professora de crianças pequenas você não faz o trabalho somente com a criança, você não educa apenas a criança, mas é um processo também de você trabalhar com a família e querendo ou não você acaba sendo psicóloga, é mãe, tem hora que tia, você vira tudo para a criança e até para a família”. (Entrevista Flavinha).

“[...] um pouco da divisão da escola que às vezes foge um pouco da sua expectativa, às vezes os pais, os alunos também desejam algumas coisas que fogem da nossa proposta, do que a gente vem estudando de uma pedagogia nova, de novos horizontes para os meninos, mais os pais ainda estão muito focados no passado, ah porque esse menino está no segundo ano e ainda não consegue escrever direito, sabe? [...]. Porque eu acho que o aspecto físico eu acho que os meninos do infantil precisam de um espaço maior, a sala precisa ter cantinhos específicos para a criança se familiarizar com aqueles objetos, com aqueles momentos, [...] Eu acho que esse **aspecto físico lá o espaço é muito pequeno para o número de alunos**, para o número de alunos hoje não, mas a sala eu acho pequena”. (Entrevista Kall).

“Uma das minhas dificuldades é que **o professor de educação infantil tem que ser organizado** ainda mais aqui em Itapetinga que não tem auxiliar, então ele tem que saber se organizar porque se não ele se perde, e foi uma das minhas principais dificuldades [...] eu mesma só com meus alunos foi manter a minha organização, [...] o professor tem que ser organizado porque cada criança ali individualmente você tem que trabalhar. Foi mesmo a **questão da família, muitos pais abandonam seus filhos dentro da escola** e isso emperra um pouco trabalho do professor e o encaminhamento até mesmo da escola. **Tive dificuldades de indisciplina** [...] tive problema com indisciplina, com alunos problemáticos envolvidos com o mundo das drogas [...] mas eu sempre procurei estabelecer com o aluno e com os pais uma relação amigável”. (Entrevista Maria).

“Primeiro foi o **impacto da teoria com a prática**, principalmente por quando eu ter começado eu não ter realizado nenhum estágio ainda inclusive na área de educação infantil [...] Outra dificuldade é **adaptação à nova realidade** [...], o impacto, eu tenho que me relacionar com pais, com alunos, com padrões então ao mesmo tempo você tem que ter um jogo de cintura, [...]. E uma outra grande dificuldade foi o **desgaste físico, desgaste mental e emocional**, a gente sabe que na educação infantil não tem como você entrar na sala e pegar aquele velho caderno de planejamento e sentar só conteúdo, conteúdo. Então requer muito do seu corpo, requer muito do seu físico, é muita musicalização, histórias infantis, nada morno, nem frio, mais tem que ser tudo muito quente, puxa mesmo, requer muito do professor. [...] A questão de você trabalhar a educação em si, por exemplo, tem pais que acham que a escola tem que fazer o trabalho de ensinar e um trabalho educar, então isso pesa uma responsabilidade muito grande no professor, então tem crianças extremamente indisciplinadas que a gente vê que são coisas mesmo que falta em casa e acaba sobrecarregando a escola. **Trabalhar com crianças com necessidades especiais foi o maior problema.** [...]. **A cobrança quanto ao docente é maior no ensino particular** [...]”. (Entrevista Loma).

A partir das falas ficaram visíveis (conforme destaques em negrito) as inúmeras dificuldades encontradas pelas educadoras, as quais destacaram: dificuldades em trabalhar com crianças especiais, alunos indisciplinados, falta de acompanhamento dos pais, espaço físico inadequado, organização, cobranças em curto prazo, impacto da teoria com a prática e adaptação à realidade encontrada. Foi possível perceber a partir dos relatos que a falta de participação da família na escola foi uma das dificuldades mais enfatizadas, levando-as a assumir outras funções, como cita Flavinha em seu relato: “querendo ou não você acaba sendo psicóloga, é mãe, tem hora que tia, você vira tudo para a criança e até para a família”.

Enfatizamos também a dificuldade enfrentada por duas educadoras frente ao trabalho com crianças com necessidades especiais, embora para se trabalhar com a educação especial o ideal seja uma formação e experiência favorável para o desenvolvimento desta modalidade educacional. Sabemos que os educadores em início de docência não trazem consigo habilidades, tornando-se a atuação, desta forma, um árduo desafio.

Destacamos na fala de Loma o mal-estar docente no que diz respeito ao desgaste físico, mental e emocional, mostrando que o profissional da educação infantil precisa estar aberto às adaptações e inovações, usando outras formas de expressar, de falar, através do corpo, da música, da ludicidade, construindo, assim, uma nova práxis pedagógica. De acordo com D'Ávila (2007, p. 29), fazer da educação uma arte significa desenvolver este estado de sensibilidade e criatividade. Assim, o papel do docente é de fundamental importância através das expressões corporais, pois este tende a estabelecer uma relação mais afetiva, comunicativa e expressiva com os seus alunos, favorecendo a experiência com a ludicidade. A entrevistada fala ainda sobre o seu “o jogo de cintura” feito para se adequar aos pais, aos alunos e aos chefes, numa tentativa de agradar a todos, o que entendemos como *habitus*⁷.

Estratégias: um meio de superação

Entre todas as dificuldades e situações desafiadoras enfrentadas no início da carreira está o fato das docentes procurem criar estratégias para a realização de um bom trabalho pedagógico, no intuito de acertar e cumprir o compromisso com o processo ensino-aprendizagem do seu aluno, o que fica evidente em seus depoimentos:

“[...] foi realizando um bom trabalho, pensando em fazer o melhor, a gente que é de contrato, é professora temporária, a gente já tem uma cobrança grande [...], maior. E a gente que está iniciando a nossa cobrança, eu falo de si não dos outros, mas que a gente está sendo muito vista [...], é ate maior porque você tem que mostrar um bom trabalho, [...] então eu sempre me empenhei muito em mostrar um bom trabalho, em abraçar projetos, em abraçar o que a escola está ali caminhando, e ter um bom relacionamento com os pais, em saber propor assim a diferença, e às vezes mesmo na falta de material suprir certos materiais, porque a gente sabe que na rede pública tem a falta desses materiais, muitas vezes mesmo tirar dinheiro do bolso comprar e fazer e não deixa de não fazer, porque na educação infantil requer desse professor dinâmico, esse professor que trabalha com essa ludicidade, trabalha com esse diferencial [...]”. (Entrevista Kiu).

“[...] na sala de aula eu tentei montar esses ambientes, então o que eu faço é remanejar, por exemplo, as mesinhas quando eu quero trabalhar a música preciso de um espaço maior, então eu afasto as mesinhas, as cadeiras e uso aquele espaço, aí na hora da atividade a gente puxa novamente e nós fazemos a atividade. [...] A gente vai tentando superar desse jeito, a casinha monta e desmonta, puxa e tira, é para a gente conseguir trabalhar, tentar fazer o trabalho da gente, realizar um bom trabalho que esse é o meu desejo”. (Entrevista Kall).

“[...] mas eu sempre procurei estabelecer com o aluno e com os pais uma relação amigável”. (Entrevista Maria).

Segundo os relatos, foi possível constatar que cada educadora cria as suas estratégias para superar as suas dificuldades, para sobreviver. No relato da docente Kiu verifica-se uma cobrança de si própria como profissional e o seu empenho para se adaptar a sua realidade. Ela procura participar de projetos e das atividades da escola para, assim,

⁷ Na perspectiva de Bourdieu (1983), Silva (2010) e Ferreira (2014).

mostrar que vem desenvolvendo um bom trabalho, já está na condição de contratada e precisa manter seu emprego. Isso mostra claramente a grande dificuldade que um docente contratado tem, o que precisa desenvolver para se manter na profissão e como este é visado, como a situação de Kiu, participante desta pesquisa. Já a entrevistada Kall explica como vai superando as dificuldades através das estratégias, ou seja, criando um *habitus* professoral. Conforme Ferreira (2014, p. 54):

O *habitus* deve fazer parte do cotidiano, do fazer docente do professor iniciante, assim, este irá aprender com as suas experiências, suas rotinas, com sua personalidade, com o que é. [...] Então, *habitus* professoral, proporciona uma formação em improvisação, aquela que conduz rapidamente o professor a tomar decisão, situações novas fazem com que isso aconteça e o professor acaba por aprender a ensinar, com um jeito particular seu, com seu “jogo de cintura”, na prática.

Neste sentido, o *habitus* é adquirido no cotidiano, a cada momento, a cada nova situação e dificuldade, fazendo com que o profissional mude e crie novas formas, construindo, dessa maneira, um conjunto de disposições e esquemas que formam uma gramática geradora de práticas. A docente Kall vê-se na necessidade de mudanças no espaço da sala de aula para favorecer os seus alunos, adaptando o espaço físico que possui para a aprendizagem e interação deles. Essa docente mostra que está construindo seu *habitus* professoral a partir dos improvisos, da experiência e das suas estratégias para realizar um bom trabalho. Conforme Pienta (2007, p. 83), “as dificuldades enfrentadas pelo professor iniciante no dia-a-dia de sua prática pedagógica levam-no a tomar iniciativas, criar formas que o auxiliam no trabalho diário com os alunos”. Assim, enfatizamos o relato de Maria, que, frente às dificuldades relatadas, busca estratégias para estabelecer a relação entre família e escola, no intuito de gerar vínculos para superação dos dilemas encontrados em sala.

Destacamos que, em meio às estratégias utilizadas para superar as dificuldades, o educador iniciante está em processo de construção da sua identidade profissional, que muda constantemente, e da sua prática educativa, conforme depoimentos:

“É além da faculdade, eu acredito que o PIBID vem me ajudando bastante também que é um incentivo a iniciação à docência, incentivo a você estar ali na sala de aula, a pesquisa em si, [...] a faculdade tanto como foi a experiência do PIBID, ele mostra muito isso de você ser uma pessoa pesquisadora, de você entrar ali com outros olhos, então isso tem me ajudado bastante. Fora assim os cursos, os seminários, que até a própria secretária de educação também promove e muito bem visto e acaba nos ajudando bastante, nos dando um norteamento para o nosso trabalho”. (Entrevista Kiu).

“[...] o aprendizado é contínuo [...], todos os dias a gente aprende na prática, mais claro que é importante também você buscar a teoria, [...]”. (Entrevista Flavinha).

“O que realmente auxiliou bastante foi em relação ao PIBID, a minha trajetória no PIBID foi muito importante porque eu tive a oportunidade de vivenciar uma nova realidade que foi a escola pública, que é uma realidade bem diferente. [...]”. (Entrevista Kall).

“A gente participou no ano passado de um curso de formação de professores da educação infantil pela prefeitura na secretaria municipal, foi um curso muito bom e que já vamos dar início novamente esse ano, é um curso de formação de professores, de capacitação. A prática está me ajudando e muito, bastante, foi na prática mesmo que eu aprendi”. (Entrevista Maria).

Nas falas das educadoras Kiu e Kall foi possível destacar, como contribuição nesse período inicial, um programa de iniciação à docência, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), que é projetado para as licenciaturas e tem contribuído para a diminuição do impacto enfrentado por profissionais iniciantes, tendo uma grande influência na trajetória de alguns docentes. Para Flavinha, é na prática que se constrói o aprendizado, no decorrer da sua carreira, no seu fazer diário, pois é através da prática e da experiência que eles se desenvolvem em termos profissionais (TARDIF, 2002).

Apoio da gestão: escola pública x escola privada

Apresentaremos, agora, dados das educadoras iniciantes e sua relação com a gestão escolar frente aos desafios e dilemas encontrados, conforme narrativas adiante:

“Em algumas escolas sim, em outras não. É bastante complicado, é o que eu falei, porque quando você entra a gestora, a pessoa que te recebe acha que você está sendo enviado ali de uma secretaria você veio porque você está pronta, você está preparado. [...] Eu passei por escolas que não tinham um apoio pedagógico que para mim ficava mais difícil ainda, passei por outras que mesmo na educação infantil estavam tendo troca de gestão, então cada caso você vê a não participação dessa gestão, assim ativamente com os professores é muito pouco. Algumas vezes sim obtive ajuda de alguns colegas, em algumas situações e em algumas escolas também, a gente sempre acha um anjo no meio de tantos professores que te dá um apoio, que te dá uma ajuda, e muitas vezes você acha aqueles que te desmotiva mesmo. Na verdade, para aqueles que desmotivam era justamente aqueles que falavam assim, isso aí que você tá fazendo, essa animação toda, esse entusiasmo todo, isso vai passar, você não vai aguentar ir muito longe com essa metodologia então, mais eu sempre me superei, então eu sempre foquei no aluno [...] eu nunca me apeguei muito a palavras negativas ou a pessoas que não me apoiavam, mas eu me segurava naquelas que me apoiavam [...]”. (Entrevista Kiu).

“Dentro da maneira do possível sim, também obtive ajuda dos colegas, lá na escola a gente tem o trabalho em conjunto, em parceria”. (Entrevista Flavinha).

“Eu não tenho o que queixar não, o que eu solicitei, o que eles puderam fazer eles fizeram. [...] eu solicitei mais um ventilador foi colocado, o material que solicitei eles me deram. A gente sempre teve um apoio, a gente tem liberdade de chegar para o pai conversar sabe, não é aquela coisa assim só vai conversar com o pai se a gestão autorizar, a gente já tem essa liberdade [...]”. (Entrevista Kall).

“Sim, os gestores, as minhas diretoras sempre me ajudaram, sempre perguntaram [...]”. (Entrevista Maria).

“Sim eu tive apoio, a gente trabalha em conjunto sendo que sempre que surge uma dificuldade a gestão se dispõe a auxiliar, como quando surgiu no ano passado um problema de bullying na sala e ali eu não fiquei sozinha, elas dispuseram de material para que eu pudesse estar fazendo leituras a respeito do tema, então é muito bom essa troca. As colegas também estão sempre dispostas a me darem suporte nas dificuldades surgidas, isso transmite segurança para o profissional da educação”. (Entrevista Loma).

Ficou evidente nas falas que quatro docentes obtiveram ajuda da gestão, ressaltando que duas destas são de escola pública e duas de escola privada. No entanto, na fala de Kiu ficou evidente a falta de apoio que, muitas vezes, os docentes iniciantes encontram nas escolas. Vale salientar que no momento da entrevista Kiu respondeu a esse questionamento de forma deprimida, levando-nos a inferir que essa falta de apoio da gestão levou a consequências que se desdobraram em muitas dificuldades. Além disso, foi relatado pela entrevistada que são poucas as socializações de experiências entre educadores veteranos e novatos, tornando-se, assim, uma das principais dificuldades, pois é perceptível a existência de um isolamento, um “desprezo” por parte dos profissionais mais experientes. De acordo com Quadros (2012, p. 41):

A socialização se mostra uma excelente ferramenta para a qualificação da prática educativa do professor iniciante, e que o ambiente e o sujeito constroem espaços de socialização, pois o sujeito pode buscar por meio da socialização uma forma de formação permanente, porém o meio influencia e pode alargar ou estreitar tal socialização.

Portanto, a troca de experiências ajuda os iniciantes a entenderem a trajetória docente que irão percorrer, tendo acesso a aprendizagens sobre o funcionamento do sistema educacional. A socialização é uma maneira de formar-se e faz parte da formação permanente, que contribui para a diminuição dos medos e das inseguranças que os iniciantes trazem consigo. Entretanto, é perceptível a grande diferença de apoio recebido pelos educadores da escola pública em relação à escola privada, pois na escola privada, conforme as falas de Kall e Loma, há um apoio inegável, seja em materiais, seja na socialização positiva com os demais profissionais da área educacional, diferentemente do que relata a docente Kiu.

Aprendizagens

As falas seguintes demonstram como estas educadoras foram construindo as aprendizagens da docência, superando as dificuldades existentes, sobrevivendo aos desafios encontrados nessa etapa do desenvolvimento profissional e construindo saberes da docência e específicos da educação infantil.

“[...] apesar das não aceitação que acontecem na escola eu não desisti, então eu sempre buscava renovar, eu sempre buscava assim me animar de alguma forma, falar não eu vou conquistar o meu espaço, vou pensar nos meus alunos, aqui está bom? Eles gostaram? Então foi uma das coisas que foram me ajudando. Que tudo que a gente faz, a gente tem que fazer o melhor, fazer com amor, [...] Então assim, as aprendizagens em todo o início foram muitas as aprendizagens, muitas aprendizagens, eu aprendi a ouvir mais, aprendi a ouvir os meus alunos, eu aprendi a falar, a saber que eu nem em todo momento estou com a razão com o saber total de tudo,

mas que estou ali para aprender com eles, aprender na faculdade com meus professores. Então essa aprendizagem acontece no momento que você se dispõe a aprender, [...] eu aprendi que o aprender nunca é demais, que você sempre tem que estar se renovando, tem sempre que estar buscando porque as vezes as respostas prontas nem sempre são as corretas, é que você precisa ouvir mais, você precisa muitas vezes ficar em silêncio para tentar compreender naquele momento o que está acontecendo, tanto na sala de aula, tanto como estudante também eu venho fazendo isso e venho amadurecendo esse lado em mim. Saber ouvir, respeitar as limitações, respeitar o tempo de aprendizagem, respeitar que cada um tem seu tempo, tem seu momento, [...], e ter tolerância em muitas situações, e não desistir, porque momentos de vontade de desistir na carreira docente você vai ter sempre, [...] então esse desistir, esse primeiro momento que é esse primeiro momento de pânico e de pavor que muitas vezes você enfrenta na sala de aula na primeira semana ele é notável, todo mundo passa por isso, mas aí você precisa ver o porque você está ali, realmente é a sua carreira é aquilo que você quer seguir [...], você quer ser isso? Você quer ser professor? Então você tem que se apoiar, você tem que ter uma motivação, você tem que ter estímulo e você tem que amar o que faz”. (Entrevista Kiu).

“É são muitas, é você realmente respeitar o limite do aluno, é você tipo assim na falta de recurso você tentar inovar com um outro método, você tentar realmente trazer o novo para a sala de aula. Eu aprendi como pessoa mesmo assim você ter mais paciência, você rever a reforma de como você vai falar, porque você pensa pouca essa criança pode levar isso para o resto da vida, [...]. E você tentar desmitificar essa ideia de que o aluno não pode perguntar, tem muito isso ainda. [...] Eu tinha muito isso, dar liberdade para que os alunos pudessem também, para eu crescer além de ser professora deles que eles me tivessem como amiga também. Outra coisa também é a questão do coleguismo, as relações que a gente tem, os laços que a gente tem com os nossos colegas de trabalho também são importantes”. (Entrevista Kall).

“Primeiramente, eu sempre me coloquei como aprendiz, nunca cheguei num lugar mostrando que eu sabia ou que eu poderia mostrar ser melhor do que os outros, sempre me coloquei como aprendiz, sempre fui humilde para receber críticas, para ser reclamada no momento certo, então assim isso veio facilitando essa construção de ser professora, porque eu sempre procurei mesmo é me colocar como aprendiz e com a experiência e ajuda deles foi construindo. Hoje as aprendizagens com relação ao aluno, a didática em sala de aula, isso aí é muito importante, o professor ter estratégias de como não deixar o aluno parado, ter o que fazer, sempre tem que procurar formas de fazer com que o aluno aprenda, se o aluno não aprendeu naquele método, o professor tem que de outra forma fazer com que o aluno aprenda”. (Entrevista Maria).

“Aos poucos você vai compreendendo que você nunca vai encontrar turmas homogêneas, que são turmas heterogêneas, são crianças diferentes, realidades diferentes, são pais diferentes. Então você tem que aprender a lidar com cada tipo de realidade [...], então é mesmo aprender a lidar sabendo que você nunca vai encontrar uma turma homogênea, [...] cada dia é um desafio, cada aluno é um desafio, cada família, não é só o aluno é a família, é o aluno, é a família, então cada aluno é um desafio novo”. (Entrevista Loma).

Diante dos relatos acima, verificamos as diversas aprendizagens adquiridas pelas docentes. No relato de Kiu, foi possível entender como ela se desenvolveu a partir das dificuldades, aprendendo a ouvir mais, a ouvir os seus alunos, mostrando-se mais reflexiva, além de buscar uma pedagogia diferenciada, o que segundo Perrenoud (2000) é uma abordagem centrada no aprendiz e em seu itinerário de aprendizagem, na individualização do percurso de formação.

As entrevistadas demonstram nas suas falas que sobreviveram aos desafios, trazendo deles aprendizagens significativas, como estar mais atenta para ouvir, respeitar os limites dos alunos, procurar meios diferenciados que facilitassem a aprendizagem dos alunos, olhar para suas falhas e lacunas e enxergá-las, refletir sobre o seu trabalho, bem como se colocar à disposição da aprendizagem, além de aprender com a experiência e através dela.

Destacamos ainda o que é ser educador mesmo frente ao choque do real vivenciado por docentes iniciantes, segundo os relatos das colaboradoras desta investigação:

“Ser professor é um ser inacabado, sempre você precisa ser reciclado, sempre você precisa estar buscando, sempre você precisa estar se inovando, se superando e aquilo ali parece que nunca chega um dia que você está pleno, sempre tem que estar acompanhando, é algo assim que não para”. (Entrevista Kiu).

“[...] o professor nunca pode se acomodar, [...] eu tenho que estar sempre buscando o novo [...]”. (Entrevista Flavinha).

“Ser professor da educação infantil é você ter muito mais jogo de cintura, o professor tem que ter muito jogo de cintura [...]. Então eu vejo a diferença muito grande entre a educação fundamental e a educação infantil, é uma transformação que você sofre, eu estou sofrendo uma transformação radical, porque antes eu fazia pelo planejamento e seguia à risca, era muito mais fácil encaixar uma coisinha mais eu não precisava alterar tantas coisas, e hoje não falo: nossa eu faço um planejamento e nada daquilo ali deu certo, eu acho também porque eu estou iniciando agora, então eu vejo nossa amanhã eu tenho que fazer totalmente diferente, às vezes eu faço uma coisa nossa passou tão rápido e outra que acho que vai ser rapidinho os meninos demoram mais. Então eu ainda estou nessa fase de adaptação também”. (Entrevista Kall).

“É você olhar pra cada criança e você querer ajudar, instruir, dentro do possível”. (Entrevista Maria).

“Bom ser professor é você acreditar no ser humano, porque não tem como você lidar com pessoas, o seu material de trabalho é humano, não tem como você lidar com pessoas sem você ter esperança de uma sociedade melhor, então o seu trabalho seria vão, seria inútil. Então você trabalha pensando que o seu trabalho vai valer a pena, que vai influenciar em algo na vida daquele ser e da sociedade de certa forma”. (Entrevista Loma).

Na fala da educadora Kall, observamos que ela considera diferente atuar na educação infantil, tornando-se mais difícil, pois há a necessidade de fazer diferente todos os dias, mostrando-nos que ela está sobrevivendo a esta fase de “descoberta”, buscando inovações e práticas, evidenciando, assim, a construção da sua prática pedagógica. As demais docentes mostraram-nos em suas falas que ser professor é acreditar no humano, fazendo-nos, dessa forma, refletir que o docente também precisa ser dotado do saber sensível, que de acordo com D’Ávila (2007, p. 29) “nasce, primeiramente, do saber ouvir, do desenvolvimento de uma escuta sensível para, então, se construir uma nova práxis, refletida”. Essa perspectiva do saber sensível coaduna com a concepção raciovitalista descrita por D’Ávila e Ferreira (2018).

Dessa forma, confirmamos que o educador é um ser em construção, ele vai aprendendo através da prática, através dos seus erros e acertos, no enfrentamento das dificuldades e nas respostas obtidas no dia a dia.

Ao compreender o contexto geral das entrevistas realizadas ficou evidente que há diferença em ser um profissional contratado e efetivo, pois os contratados sofrem maiores pressões internas e vivem na instabilidade, interferindo, assim, em seu aspecto emocional.

Além disso, foi evidenciado que há diferença entre ser docente iniciante de escola pública e de escola privada, conforme constatado também na pesquisa de Santos (2014) ao estudar profissionais iniciantes da educação infantil, com objetivo de identificar as dificuldades encontradas por estes, e também ratificado por Ferreira (2014).

Nos dados apresentados, percebemos que o fato de ser educador iniciante tem relação com as memórias da docência dos antigos mestres que influenciaram nas suas

escolhas, assim como as aprendizagens no início da carreira são essenciais para a construção, consolidação e permanência na profissão, bem como as estratégias que se constituem *habitus* professoral, sendo modificado sempre, ajudando os sujeitos a se reconhecerem como docentes. Verificamos que as entrevistadas aprendem as especificidades da educação infantil lidando com crianças, aprendendo através das práticas cotidianas, pois, no exercício de ser docente da educação infantil e ao lidar com crianças, as educadoras constroem saberes da docência e da educação infantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante a elaboração desta investigação foi possível a compreensão de que o docente em início da carreira educacional encontra inúmeras dificuldades para exercer a sua função, no entanto também alcançam inúmeras aprendizagens, muito significativas para a construção da sua identidade pessoal e profissional.

Neste estudo, reportamos que as dificuldades mais recorrentes nos dados encontrados foram: a falta de apoio familiar e pedagógico, a situação funcional, por ser prestador de serviços, a indisciplina dos alunos, o espaço físico, a organização, cobranças em curto prazo, o desgaste físico, mental e emocional e o trabalho feito com crianças que possuem necessidades educativas especiais. Entretanto, vale salientar que nem todas essas dificuldades foram vividas pelas docentes das escolas privadas de ensino, pois elas possuem grande apoio pedagógico, conforme relatamos no decorrer deste trabalho. Assim, é possível afirmarmos que é diferente ser docente iniciante da escola pública e ser docente iniciante da escola privada, visto que os profissionais encontram apoios e condições diferentes para exercerem o seu trabalho.

Retomando a questão-problema que mobilizou esta pesquisa – quais as dificuldades e aprendizagens encontradas por docentes da Educação Infantil em início de carreira? –, foi possível notar que a prática profissional é palco de insegurança, estruturação e desestruturação de conhecimentos, e é a partir dela que o educador iniciante cria habilidades e aprende em virtude das necessidades. Dessa forma, os relatos das estratégias utilizadas pelas entrevistadas diante das situações difíceis que enfrentaram possibilitaram rastros para reelaborar suas próprias práticas pedagógicas, bem como revelou o movimento que faziam na construção da aprendizagem profissional da docência.

No entanto, foi notório que as dificuldades encontradas pelos docentes em início da carreira são verdadeiras, fazendo com que estes profissionais sintam-se desamparados e desencantados com a carreira docente, mas estas também permitem que os docentes

encontrem estratégias para resolver os diversos desafios do dia a dia e aprendam mediante a sua prática pedagógica, adquiram habilidades para lidar com a realidade, ajudando, assim, a constituir as bases da profissão docente.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: ORTIZ, Renato (Org.). **Pierre Bourdieu: sociologia**. Trad. Paula Montero e Alicia Auzmendi. São Paulo: Ática, 1983. p. 122-155.

BARRETO, Andreia Cristina Freitas. A profissão docente no Brasil e a carreira profissional: entre sonhos e realidades. In: NASCIMENTO, Maria das Graças Chagas de Arruda; GARCIA, Alexandra; REIS, Graça Regina Franco da Silva; RUST, Naiara Miranda; GIRALDO, Victor (Org.). **Didática(s) entre diálogos, insurgências e políticas: tensões e perspectivas na relação com a formação docente**. 1. ed. v. 2. Rio de Janeiro/Petrópolis: Faperj; CNPq; Capes; Endipe, 2020. p. 297-306.

CRUZ, Lilian Moreira; BARRETO, Andreia Cristina Freitas; FERREIRA, Lúcia Gracia. Caminhos do desenvolvimento profissional docente na perspectiva freireana. **Com a Palavra o Professor**, Vitória da Conquista (BA), v. 5, n. 12, maio/ago. 2020. Disponível em: <http://revista.geem.mat.br/index.php/_CPP/article/view/529>. Acesso em: 30 set. 2020.

CRUZ, Lilian Moreira. Desenvolvimento profissional docente e formação continuada: possíveis diálogos. I In: NASCIMENTO, Maria das Graças Chagas de Arruda; GARCIA, Alexandra; REIS, Graça Regina Franco da Silva; RUST, Naiara Miranda; GIRALDO, Victor (Org.). **Didática(s) entre diálogos, insurgências e políticas: tensões e perspectivas na relação com a formação docente**. 1. ed. v. 2. Rio de Janeiro/Petrópolis: Faperj; CNPq; Capes; Endipe, 2020. p. 287-296.

D'AVILA, Cristina. **Educação e Ludicidade: ensaios 04**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Gepel, 2007.

_____; FERREIRA, Lúcia Gracia. Concepções pedagógicas na educação superior: abordagens de ontem e de hoje. In: D'ÁVILA, Cristina; MADEIRA, Ana Verena. **Ateliê Didático: uma abordagem criativa na formação continuada de docentes universitários**. Salvador: EDUFBA, 2018. p. 21-46.

DEMARTINI, Zeila. Brito Fabri; ANTUNES, Fátima Ferreira. Magistério primário: profissão feminina, carreira masculina. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, n. 86, p. 5-14, ago. 1993. Disponível em: <<http://publicacoes.fcc.org.br//index.php/cp/article/view/934>>. Acesso em: 23 jan. 2014.

FERREIRA, Lúcia Gracia. **Professores da zona rural em início de carreira: narrativas de si e desenvolvimento profissional**. 2014. 272 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos – SP, 2014.

_____; FERREIRA, Lucimar Gracia; FERREIRA, Adriana Guerra. Fazer docente: reflexões sobre formação, trabalho e especificidades das áreas de atuação docente. In:

FERREIRA, Lúcia Gracia; FERRAZ, Rita de Cássia Souza Nascimento. **Formação Docente: identidade, diversidade e saberes**. Curitiba, PR: Editora CRV, 2014. p. 77-88.

_____. **Professoras da zona rural: formação identidade, saberes e práticas**. 2010. 262 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador-BA, 2010.

_____. Desenvolvimento profissional e carreira docente: diálogos sobre professores iniciantes. **Revista Acta Scientiarum**, v. 39, p. 79-89, jan./mar. 2017. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/29143>>. Acesso em: 03 fev. 2017.

_____. Desenvolvimento profissional docente: percursos teóricos, perspectivas e (des)continuidades. **Revista Educação em Perspectiva**, v. 11, p. 1-18, jul. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufv.br/educacaoemperspectiva/article/view/9326>>. Acesso em: 07 jun. 2020.

_____; ANUNCIATO, Rosa Maria Moraes. Início da carreira docente: o que dizem as dissertações e teses brasileiras. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 50, p. 421-459, 2020. Disponível em: <<http://periodicos.estacio.br/index.php/reeduc/article/viewArticle/5413>>. Acesso em: 09 nov. 2020.

FONTANA, Roseli Aparecida Cação. **Como nos tornamos professoras?** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

HUBERMAN, Michaël. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, Antonio (Org.). **Vida de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2007. p. 31-61.

MARCELO GARCIA, Carlos. Pesquisa sobre a formação de professores: o conhecimento sobre aprender a ensinar. **Revista Brasileira de Educação**, n. 09, p. 51-75, set./dez. 1998. Disponível em: <http://anped.tempsite.ws/novo_portal/rbe/rbedigital/RBDE09/RBDE09_06_CARLO_S_MARCELO.pdf>. Acesso em: 15 maio 2013.

_____. **Formação de professores: para uma mudança educativa**. Porto: Porto Editora, 1999.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. Aprendizagem da docência: algumas contribuições de L. S. Shulman. **Educação**, v. 29, n. 2, p. 33-49, jul./dez. 2004. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/3838>>. Acesso em: 13 maio 2013.

PERRENOUD, Philippe. **Pedagogia Diferenciada: das intenções à ação**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2000.

QUADROS, Zilmar de Freitas de. **Trajetórias e trabalho docente de professores iniciantes: um estudo com egressos do curso de Educação Física da UNESC**. 2012. 48 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma-SC, 2012.

SANTOS, Jurema Rosendo dos; FERREIRA, Lúcia Gracia; FERRAZ, Rita de Cássia Souza Nascimento. Professores iniciantes em situação de ausência de bem-estar:

perspectivas sobre dilemas no desenvolvimento profissional. **Revista Cocar**, n. 8, p. 347-370, jan./abr. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/3063>>. Acesso em: 22 mar. 2020.

SILVA, Marilda da. História de escolarização, habitus estudantil, habitus professoral: uma didática. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; GALLEGOS, Rita de Cassia (Org.). **Espaços, tempos e gerações: perspectivas (auto)biográficas**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 161-179.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

Como citar este artigo:

ABNT

OLIVEIRA, T. M.; FERREIRA, L. G. Iniciação profissional de docentes da Educação Infantil: docência, aprendizagens e dificuldades. **InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade**, v. 6, e202035, 2020. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.18764/2446-6549.e202035>>. Acesso em: 27 dez. 2020.

APA:

OLIVEIRA, T. M.; FERREIRA, L. G. (2020). Iniciação profissional de docentes da Educação Infantil: docência, aprendizagens e dificuldades. *InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade*, v. 6, e202035. Recuperado em 27 dezembro, 2020, de <http://dx.doi.org/10.18764/2446-6549.e202035>



This is an open access article under the CC BY Creative Commons 4.0 license.

Copyright © 2020, Universidade Federal do Maranhão.

